

ALGUMAS INFLUÊNCIAS DE PARMÊNIDES DE ELÉIA, SÓCRATES, PLATÃO E ARISTÓTELES PARA O CRISTIANISMO: CONTRIBUTOS HISTÓRICOS E FILOSÓFICOS PARA AS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO



<https://doi.org/10.22533/at.ed.289112507034>

Data de aceite: 23/04/2025

Flávio Roberto Chaddad

RESUMO: O cristianismo é uma das religiões em âmbito mundial de maior número de seguidores. Expandiu-se da Europa para diversas partes do mundo, fundamentado, sobretudo, em alguns preceitos gregos, propostos por filósofos da antiguidade clássica, como Parmênides, Sócrates, Platão e Aristóteles. Como nada escapa da história e ela é produto dos homens, entendem-se, neste artigo, que a religião cristã agregou, em seu corpo dogmático, muitos preceitos gregos, sem os quais não arrebataria tantos fiéis em todo mundo. Assim, o objetivo deste artigo é de buscar nestes filósofos gregos, acima citados, algumas influências, como, por exemplo, o entendimento e concepção de Deus, do Reino dos Céus, de Alma, de Virtude, etc, que fundamentam o cristianismo. É uma pesquisa de cunho qualitativo e bibliográfico, que se pautou em alguns artigos e livros sobre o assunto disponíveis na internet. Verificou-se, conforme a pesquisa realizada, a partir

dos critérios acima levantados, que estes preceitos estão inscritos e fundamentam a religião cristã. Em suma, não se pretendeu aqui uma revisão ampla de literatura sobre o assunto, mas apenas uma pequena elaboração e/ou esboço crítico que contribua para os futuros debates acerca do assunto.

PALAVRAS-CHAVE: Antiguidade Clássica. Cristianismo. Ciências da Religião.

INTRODUÇÃO

O mundo é grego em sua essência. Todas as produções humanas - materiais e imateriais – dos dias de hoje são devedoras deste povo, deste país e de suas cidades-estados que as geraram. Desta forma, não se pode deixar de pensar em Parmênides de Eléia e em seu “Ser que é” que semeou o caminho por onde se desenvolveu a metafísica, a ciência e, porque não, aquilo que é objeto deste estudo: **alguns elementos do cristianismo**. Também não se deve deixar de lado o relativismo grego, que tem as suas origens em um grupo de pensadores – os sofistas ^[1] – que eram

¹ Um dos sofistas mais proeminentes foi Protágoras de Abdera, que afirmava que: *O homem é a medida de todas as*

grandes oradores, os “reis” da arte da retórica; e, por fim, não se pode deixar de pensar em Heráclito de Éfeso, que, com a sua contradição, com a concepção do mundo como um fogo vivo, de um vir-a-ser contínuo, deu origem a dialética, que influenciou Hegel e Marx. No caso de Hegel, o ***Espírito do Mundo*** ou ***Razão Histórica***; e, no caso de Marx, o ***Materialismo Histórico e Dialético*** (CHADDAD, 2024). Porém, aqui neste trabalho, vou procurar me centrar em quatro pensadores que fundamentaram, sobremaneira o Cristianismo: Parmênides, Sócrates, Platão e Aristóteles. Tem-se, portanto, que o Cristianismo não foi um produto relativo e circunscrito apenas a Jesus Cristo e os primeiros padres da Igreja. Ele, o Cristianismo, foi mais que isso, ele foi e também é produto da História, produto da intencionalidade dos homens: o porta-voz de uma das vertentes da filosofia grega. Se fundamentou, portanto, em parte na filosofia grega. De Parmênides à Aristóteles - este último muito utilizado por Tomás de Aquino para fundamentar sua Teologia e, para que a Igreja Católica pudesse “dar” um ar de intelectualidade a esta doutrina.

Assim, este artigo, este esboço histórico e filosófico crítico que faz parte de um projeto maior - que quero desenvolver - e que envolve o diagnóstico da situação crítica que o mundo está atravessando, em toda a sua multifatorialidade e complexidade, tem por objetivo analisar alguns contributos destes pensadores gregos para a filosofia cristã e para a doutrina cristã e, de antemão, associar estas ideias gestadas na antiguidade e que fundamentaram a doutrina cristã à Crise Ambiental que estamos vivendo, que segundo afirma Félix Guattari (2001) em seu texto “***As três Ecologias***”, abala os três registros ecológicos: o homem em sua singularidade (subjetividade); em suas relações sociais e o meio ambiente (natureza).

DESENVOLVIMENTO

A partir das considerações feitas acima, quero trabalhar aqui com três elementos fundamentais à existência do cristianismo, que estão presentes na filosofia destes pensadores, que são: O “Ser que é” na visão de mundo de Parmênides, o primeiro motor na visão de Aristóteles, que mais a frente se transforma em Deus; o Mundo das Ideias de Platão, dos arquétipos perfeitos, que mais a frente se tornará o “Reino dos Céus” e, por fim, a questão da alma, que foi tratada por Sócrates, Platão e Aristóteles em seus textos, conforme o situar histórico e filosófico de cada pensador. Quero também ao final deste esboço associar estes fatores a crise ambiental e a edificação de uma “moral” baseada em uma pedagogia do medo, portanto, não construída segundo os princípios racionais e críticos, que são atributos dos seres humanos – pois, ***todo o homem é filósofo!*** A filosofia pertence ao homem e o homem pertence a filosofia, nas sábias palavras de Martin Heidegger.

coisas, das coisas que são, e das coisas que não são! Ou seja, nesta frase podemos observar a perda completa da objetividade e o advento do relativismo. Este é o grande “cancro político” que está ameaçando a vida de todos na face da Terra.

PARMÊNIDES E O SER QUE É – O ELEMENTO PARA SE PENSAR DEUS

Parmênides de Eléia defendia que o “SER” subjaz por detrás das aparências. Que Ele – SER - existe e que tudo o que vemos no mundo são aparências, irrealidades dadas pela transitoriedade do mundo. E como ele, Parmênides de Eléia define este “Ser” que subjaz por detrás das aparências? Segundo Nietzsche apud Ghilardi e Chaddad (2010):

O ser é imóvel, pois para onde ele devia movimentar-se? Ele não pode ser infinitamente grande ou infinitamente pequeno, pois ele é acabado e um dado por acabado é uma contradição. Assim, limitado, acabado, imóvel, em equilíbrio, em todos os pontos igualmente perfeitos como uma esfera, ele paira, mas não em um espaço, pois caso contrário este espaço seria um segundo ser. Desta forma só existe a unidade eterna (GHILARDI; CHADDAD, 2010, p.5).

Assim, para ele, Parmênides, o “Ser” verdadeiro precisa estar presente eternamente, dele não se pode ser dito “ele era”, ou, então, “ele será”. O ser não poderia vir-a-ser, pois de qual lugar ele teria vindo? Mas o não ser não é e não pode produzir nada. Do ser? Isto seria senão produzir-se a si mesmo. O mesmo acontece com o perecer, ele é igualmente impossível. Ele, portanto, não é vir-a-ser, com toda a sua carga de mutação, com todo o seu aumento, com toda a sua diminuição, ELE é – está para além da física, para além de nossos sentidos, para além deste mundo irreal, ou seja, Ele subjaz por detrás das aparências (NIETZSCHE, 1996).

Como fica claro, através destas passagens, para Parmênides de Eléia, o mundo era uma grande ilusão, os sentidos nos enganariam continuamente, nos tirariam a percepção da verdadeira realidade, que subjaz por detrás das aparências! Assim, o que vemos, o que tocamos, o que sentimos, ou seja, tudo que existe como “nosso mundo” para ele era irreal. O “existir” não estaria neste mundo como o que conhecemos, mas estaria para além da física, para além das aparências, dos sentidos e dos instintos – daí então a derivação e o rebaixamento de tudo que pertence a este mundo com o adjetivo “mudano”. Mais a frente, para a Igreja Católica, significou tudo o que é pecaminoso. Daí então a origem do pecado e da pedagogia do medo lançada pelas religiões a seus fiéis.

Este Ser de Parmênides, que mais frente, portanto, contribuiu para a edificação do Deus Cristão, também fundamentou a lógica Aristotélica (lógica formal – e seus princípios), que é utilizado na produção do conhecimento disciplinar, bem como a construção da Ciência, o que é assunto de outro artigo, que escrevi no ano passado, intitulado: **“Reflexões sobre a Grécia e a sua importância para o entendimento complexo da contemporaneidade e da educação”**. Ao se pensar ser outra a verdadeira realidade, que está para além da física - para além dos fluídos corporais - nada mais justo ao ser humano, dotado de razão, através de uma alma intelectual, transcender o dado, o sensível, para ir ao encontro desta verdadeira existência. Parmênides de Eléia, por sua vez, não afirmou esta ideia. Apenas podemos deduzi-la pela sua filosofia. Mas Sócrates, o pai da filosofia antropológica, o faz como nenhum outro.

SÓCRATES - OS ELEMENTOS “DEUS” E “ALMA”

Não se pode pensar em Sócrates sem ter por objetivo a relação entre Deus, alma e virtude. Ele acreditava em um Deus. Segundo Xenofonte apud Navarro (2002), o termo *daimon* tem o mesmo sentido de *Théos*. Hesídio considerava os “*daimons*” como seres intermediários entre o homem e o divino.

Conforme Navarro (2002), este *daimon* era uma voz do construtor em sua consciência. Ele – o *daimon* - não obrigava a seguir qualquer caminho que desejava, mas sim apenas formulava questionamentos, reflexões, deixando a Sócrates o total livre arbítrio de suas ações. Sócrates explicava seus atos em função deste “Deus Interior”, que nunca cessou de estar com ele. Ou seja, seus atos ou suas atitudes, conforme Navarro (2002), estavam ligados a este Deus interior. O deus foi uma força imperativa que determinou toda a sua vocação filosófica e espiritual e as suas ações pelo mundo (NAVARRO, 2002).

Assim, o motor de suas atitudes e de suas ações virtuosas era seu Deus interior, o seu *daimon*, que, como afirmou Hesídio era a sua ligação com a divindade. E essa virtude, estava ligada a ciência. A moral Socrática é caracterizada pela indissociabilidade entre saber e virtude. Para Sócrates, a virtude deveria se identificar com a inteligência. Aquele que tem ciência, a sabedoria, há que querer incansavelmente o bem, há de ser virtuoso. Ele afirma que estas ideias éticas são universais, o que irá influenciar os arquétipos perfeitos de Platão – seu discípulo. Há uma realidade objetiva das mesmas e especialmente em relação à ideia do bem, a ideia suprema e primordial. Esta ideia do bem deveria ser alcançada pelo exercício do espírito inquiridor, cujo método era a dialética, que se difere da dialética marxista. Cabia ao mestre fazer desvelar tudo o que o discípulo já trazia consigo. Aprender para Sócrates era recordar o latente que jazia no interior de cada discípulo (NAVARRO, 2002).

É por isso que, para Sócrates, cada ser humano, antes de mais nada, já é uma essência, pronta para ser desvelada pelo mestre. Uma das grandes influências do cristianismo: ***para o cristianismo a essência precede a existência, o que vai à contramão de Sartre, pois este afirma que a existência precede a essência***. Em suma, para ele, ninguém que conhece o bem há de obrar ações más. O sábio é bom. O sábio para Sócrates é aquele que possui a vida integral do espírito, aquele que atinge na vida a perfeição moral. Navarro (2002) afirma que para Sócrates: *“a prática da virtude é o único meio de se alcançar a semelhança com Deus”* (NAVARRO, 2002, p.30).

Sócrates acreditava na existência da alma e na indissociabilidade entre essa ideia e a que admite que a alma humana participa do divino. A ciência da natureza divina da alma vincularia-se a uma outra concepção socrática: a da existência da alma e da inteligência do homem provam a existência de Deus, que é uma inteligência universal, que está presente em todos os homens. A alma testemunha a existência de Deus (NAVARRO, 2002).

Além disso, o conceito de virtude para Sócrates era o de cuidado com a alma a fim de aperfeiçoá-la, para torná-la mais próxima do divino, ideia central no cristianismo. Portanto, são estas questões, a existência de Deus, de alma e a vida virtuosa que antecipam, em alguns séculos, parte dos fundamentos do cristianismo. Conforme Navarro (2002), não há dúvidas de que são encontrados vários elementos que soam o cristianismo. Sua filosofia possui um caráter pré-cristão. De acordo com Latourelle apud Navarro (2002):

Ele não chegou a macular seu espírito com o pecado da revolta. Ao contrário, sedento de verdade, sempre em demanda do espírito humano ideal, que Jesus Cristo viria encarnar, ia a caminho, como os magos. Possuía um sentimento religioso e sagrado, que implicava já o respeito pelo sobrenatural desconhecido. Longe de se afastar do divino, aproxima-se dele...A sua mentalidade era cristã (NAVARRO, 2022, p.31).

Em suma, Sócrates, que introduziu o período antropológico na filosofia, reconheceu a existência de uma lei natural, independente do arbitrio humano, uma lei universal, expressão da vontade divina proclamada pela voz interna da consciência, pelo seu daimon interior. Além deste deus interior, que foi a viga mestra de toda a sua ação moral e virtuosa, ou seja, a busca pelo sumo bem, Sócrates professou também a imortalidade da alma. A sua procura e a de todo ser humano pelo aperfeiçoamento moral e ético estava vinculado diretamente ao aperfeiçoamento da alma, seria a comunhão com Deus. Com efeito, para ele, a alma tem natureza divina, é imortal e eterna, e que seria Deus que a havia infundido nos seres humanos (GHILARDI; CHADDAD, 2010).

PLATÃO: O MUNDO DAS IDEIAS E O REINO DOS CÉUS

Segundo Ghilardi e Chaddad (2010), Platão com sua filosofia acentua a questão pela busca dos conceitos já anteriormente proposta por Sócrates. Torna-se necessário, reafirmar, mais uma vez, que Platão foi discípulo de Sócrates e propôs o conceito de mundo das ideias ou dos arquétipos perfeitos. Para Platão antes de pertencer a este mundo, ou seja, a Terra, a alma pertenceu ao mundo das ideias, ao mundo verdadeiro.

Se Parmênides considerava este mundo irreal, um mundo de aparências, Platão irá considerar este mundo como o mundo das sombras, uma cópia do mundo das idéias. Assim, tudo o que existe na Terra, nada mais seria do que aparências, o sensível que nos enganava. Para ele - indo ao encontro de Parmênides - o devir era responsável pelo falseamento da realidade, pela transitoriedade e pelos erros. A verdade jazia por detrás das aparências, em um outro mundo, o mundo do verdadeiro, dos conceitos. Este era o mundo das ideias. Conforme Ghilardi e Chaddad (2010), o conhecimento verdadeiro sempre exigiria essências, iguais a si mesmas, garantindo a necessidade de sua realidade (diferente deste mundo) e a universalidade de seu conhecimento.

Para Platão, ao Parmênides buscar identidade, imobilidade, perenidade e unidade foi o primeiro filósofo ao se aproximar destes arquétipos perfeitos (eide), conhecidas apenas e somente pela inteligência:

A identidade, imobilidade, perenidade e unidade das formas imateriais é a marca das ideias, ou do mundo puramente inteligível, que só alcançamos pelo pensamento e jamais pelos sentidos ou pelas sensações. O engano de Parmênides, entretanto, esteve em supor que havia uma única forma inteligível, uma única ideia ou essência, o ser, quando, na verdade, para Platão, existe uma pluralidade de essenciais, que são as ideias, conhecidas exclusivamente pelo pensamento e obtidas a partir da dialética (CHAUÍ, 2005). O mundo das ideias de Platão irá influenciar muito o reino dos céus propalado por Jesus Cristo e, mais tarde, pelo Cristianismo (GHILARDI; CHADDAD, 2010, p.7).

No que tange a existência da alma, Platão acreditava que antes de pertencer a Terra, como se afirmou anteriormente, ela pertenceu ao mundo das ideias ou dos arquétipos perfeitos. Por isso que Platão reelaborou os conceitos Socráticos através das ideias puras, principalmente, o conceito do que é conhecer, já que para Platão passou ser “relembrar o já visto” no mundo das ideias ou os arquétipos perfeitos. Pedagogicamente, restaria ao mestre o exercício de induzir o aluno a parir as suas ideias, já que as carregava em latência, através da dialética socrática. O mestre seria como uma parteira que auxilia a gestante a dar a luz. Com relação a Deus, Platão acreditava que Ele exerceria o cimento moral, que organizaria a vida dos homens na pólis. Platão era aristocrático e também pretendia um governo dos aristóti, dos virtuosos, Sócrates seria a imagem incorporada deste **Rei Filósofo**, que reinaria sobre a grande maioria dos homens – dotado de razão e de virtude. Platão, estava cansado de olhar para brutalidade da democracia da polís grega, do populacho que a governava, aquele mesmo populacho que condenou Sócrates a beber cicuta e a morte ^[2]. Nas palavras de Durant (1996):

Platão acreditava que uma nação não poderia ser forte, a menos que não acreditasse em um Deus. Uma simples força cósmica, uma causa primeira, ou um élan vital, que não seja uma pessoa, mal poderia inspirar esperança, devoção ou sacrifício. Não poderia oferecer conforto aos corações aflitos, nem coragem às almas em conflito. Mas um Deus vivo pode fazer tudo isso

2. Segundo Durant (1996): Sem dúvida, esse ataque à democracia refletia a ascensão de uma minoria rica de Atenas, que se intitulava Partido Oligárquico e denunciava a democracia como sendo uma impostura incompetente. Em certo sentido, não havia muita democracia para denunciar, pois dos quatrocentos mil habitantes de Atenas, 250 mil eram escravos, sem direitos políticos de qualquer espécie, e dos 150 mil homens livres ou cidadãos, só um pequeno número comparecia à Eclésia, ou assembleia geral, onde eram discutidas e determinadas as diretrizes do Estado. No entanto, a democracia que tinham era tão completa como nenhuma outra desde então. A assembleia geral era o poder supremo; e o mais alto órgão oficial, o Dicastério, ou suprema corte, consistia em mais de mil membros (a fim de tornar caro o suborno), selecionados maquinamente, em ordem alfabética, da lista de todos os cidadãos. Nenhuma instituição poderia ter sido mais democrática nem, diriam seus oponentes, mais absurda. Durante a grande guerra do peloponésio, que durou uma geração (430-400 aC), e na qual o poder militar de Esparta combateu e acabou derrotando o poderio naval de Atenas, o partido oligárquico ateniense, presidido por Crítias, defendeu o abandono da democracia em virtude de sua ineficiência na guerra e, em segundo lugar, louvou o governo aristocrático de Esparta. Muitos dos líderes oligárquicos foram exilados, mas quando finalmente Atenas se rendeu, uma das condições para a paz imposta por Esparta foi a chamada volta daqueles aristocratas exilados. Mal haviam retornado, eles, com Crítias à frente, declararam uma revolução dos ricos contra o Partido “Democrático” que havia governado durante a desastrosa guerra. A revolução fracassou, e Crítias morreu no campo de batalha. Ora, Crítias era discípulo de Sócrates e tio de Platão (DURANT, 1996, p.32).

e incitar ou obrigar, pelo medo, o individualista a moderar um pouco a sua ganância, a controlar a sua paixão. Ainda mais se a crença em Deus se acrescentar a crença na imortalidade pessoal: a esperança de uma outra vida nos dá coragem para enfrentar a nossa morte e suportar a morte dos entes queridos; estaremos duplamente protegidos se lutarmos com fé (DURANT, 1996, p.34).

Em suma, Platão – discípulo de Sócrates – contribuiu para a edificação do cristianismo com o seu conceito de “mundo das ideias”, com a sua concepção de alma e com a sua afirmação da necessidade de Deus, para que o ser humano pudesse viver em paz consigo e com o outro diante das adversidades da vida. Cultivasse assim, a sua liberdade interior diante de um mundo produzido e falseado, um mundo que se construiu e se reconstruiu desde os primórdios humanos até a contemporaneidade sob a égide da ideologia, que produz o “como deve ser das coisas”. Hoje em dia, a ideologia nos conduz a acreditar em um mundo em que tudo deve parecer como instável e precário aparentemente impossível de ser abarcado e planejado pela mente dos homens, ou seja, pela práxis humana, por isso o lugar da liberdade deve estar apenas no interior de cada ser humano. Pela falta de conhecimento e de criticidade, o homem não consegue realizar a leitura do aparente, da empiria e partir para o concreto pensado – ou seja, sair da Caverna, permanece preso as correntes.

Ontem como nos dias de hoje, este é o grande campo de disputa da práxis. Assim, o mundo das idéias irá significar, sobretudo, o local da morada da alma - juntamente com os demais arquétipos - que forjarão para o cristianismo **“O Reino dos Céus”**. Como se observa, os contributos de Parmênides, Sócrates e Platão cederam alguns elementos que ajudaram a formatar o que hoje se denomina religião cristã ou cristianismo em suas várias vertentes.

ARISTÓTELES E A HIERARQUIZAÇÃO DOS SERES PELA ALMA

Aristóteles - discípulo de Platão - inverte a filosofia do mestre. Para ele a verdadeira realidade estava na Terra. Segundo Mattos apud Ghilardi e Chaddad (2010), para a física aristotélica o mundo é incriado, a divindade suprema Deus é o motor imóvel do universo, o pensamento que pensa a si mesmo e nada cria, movendo o mundo como causa final. A alma nada mais é que a forma do corpo, que morrerá com este sem ter nenhuma conotação sobrenatural ou espiritual. É uma filosofia tipicamente materialista, diferente de seu mestre. Uma alusão desta filosofia foi pintada por Rafael, ainda no renascimento, e simboliza as ideias opostas entre estes dois filósofos: Aristóteles que aponta a mão para baixo e Platão que irá apontar o dedo para cima, indicando as ideias ou mundo das ideias. Assim, esta filosofia aristotélica ignorava totalmente as noções de Deus criador e provedor, bem como as de alma imortal, queda e redenção do homem, todas fundamentais a doutrina Cristã (MATTOS APUD GHILARDI; CHADDAD, 2010).

Entre os postulados que foram utilizados pela Igreja Católica para fundamentar o cristianismo, por São Tomás de Aquino - que ajudou a dessacralizar ainda mais a natureza - diz respeito a como foi utilizado o tratado “Da alma” de Aristóteles. Ghilardi e Chaddad (2010, p.8) afirmam:

Segundo Aristóteles, o princípio que dá vida aos seres inanimados e animados possui faculdades. Algumas criaturas animadas possuem todas as faculdades, outras algumas e outras, ainda, apenas uma. As faculdades são a Alma Nutritiva, a Alma Sensitiva e a Alma Intelectiva. Através destes três tipos de alma é que se estabelece uma hierarquia de seres, que mais tarde, em São Tomás de Aquino, vão exercer forte influência. Assim, conforme Aristóteles, os vegetais têm alma nutritiva, que é o princípio mais básico e elementar da vida, responsáveis pelas funções biológicas como a nutrição, crescimento e geração, portanto, ocupam o nível inferior desta escala. Os animais ocupam o nível intermediário, pois além da alma nutritiva, possuem a alma sensitiva, com os cinco sentidos que Aristóteles, no capítulo II da Alma, faz uma exposição deles. Depois de investigar as almas nutritiva e sensitiva, faz uma investigação acerca da alma intelectiva (intelecto). Assim, desta faculdade somente o homem é dotado, somente ele tem a capacidade de conhecer. Aristóteles caracteriza o intelecto como “aquela parte da alma que permite o conhecer e o pensar” (GHILARDI; CHADDAD, 2010, p.8).

Esta hierarquização das “almas” proposta por Aristóteles, ainda na antiguidade clássica, baseada em diversas características de cada ser vivo, irá ser utilizada por São Tomás de Aquino para aproximar o ser humano das criaturas que compõem o imaginário divino, pois a alma participaria diretamente de Deus e viveria a imortalidade junto Dele, no antigo mundo das ideias, que passou a ser denominado “Reino dos Céus”.

A FILOSOFIA CRISTÃ E A QUESTÃO AMBIENTAL

Baseando-se nas ideias que foram apresentadas neste esboço crítico de alguns fundamentos filosóficos criados por Parmênides, Sócrates, Platão e Aristóteles, que influenciaram determinantemente o cristianismo, pode-se afirmar que para o cristianismo a natureza sempre foi tida como a aparência, a ilusão, o transitório e o irreal. Conforme estes filósofos – excetuando-se aqui Aristóteles – o verdadeiro mundo reside fora das aparências, no mundo das ideias ou, mais tarde, no Reino dos Céus, já que o ser humano, pela a aproximação que São Tomás de Aquino faz da Alma Intelectiva com o Divino, participa Dele. Mais a frente, a natureza para o cristianismo passou a ser a desalmada. Tudo o que fosse matéria denotava uma existência mundana. O prazer, que é característico do homem e demais espécies, passou a ser condenado, recebendo o epíteto de pecado. A crise ambiental, portanto, não é apenas produto da técnica pós-revolução industrial e do sistema de produção, mas de uma visão de mundo que se perpetuou por milênios. Esta visão de mundo está na base da ideologia, tem suas origens em escolhas *ontológicas*, *antropológicas*, *epistemológicas* e *axiológicas* realizadas pelos detentores do poder – econômico e político. Quem domina a mente dos homens, domina o processo histórico sem oposição.

CONCLUSÃO

Conclui-se através da construção deste esboço crítico, que fica evidente algumas influências da filosofia de Parmênides, Sócrates, Platão e Aristóteles na doutrina cristã. Pensamos aqui, que o cristianismo não foi produto apenas de Jesus Cristo, mas sim é um produto do processo histórico que o gerou e que têm as suas origens na antiguidade clássica, ou seja, na Grécia antiga. Como afirmei no início deste artigo: O Mundo contemporâneo é grego em sua essência, nada seríamos sem este povo! Além disso, como uma doutrina que se espalhou por várias partes do mundo, trouxe também consequências para “pensar e o agir” do ser humano sobre a natureza, o que vem contribuindo de forma gritante para a Crise Ambiental que estamos vivendo, que abala o que Félix Guattari (2001) denominou como sendo os três registros ecológicos: *o homem em sua singularidade, em suas relações sociais e a natureza*.

REFERÊNCIAS

CHADDAD, FR. Reflexões sobre a Grécia e a sua importância para o entendimento complexo da contemporaneidade e da educação. In: SOUZA, E. **Pesquisa em Temas de Ciências Humanas**. Belém: RFB, 2024. Disponível em:< Id9786558897156.pdf - Google Drive> Acesso em: [29/03/2025].

DURANT, W. **A história da filosofia**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 2001.

GHILARDI, RP; CHADDAD, FR. Arazão e o sagrado: suas contribuições filosóficas para a dessacralização da natureza. **ENCICLOPÉDIA BIOSFERA**, vol.06, n.10, p.1 – 17, 2010. Disponível em: <(Microsoft Word - a raz\343o e o sagrado.doc)> Acesso em: [29/03/2025].

NAVARRO, EA. Sócrates, o Mestre da Grécia e do Mundo. In: PLATÃO. **Apologia de Sócrates/ Banquete**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

NIETZSCHE, F. Parmênides de Eléia. In: **Os pré-socráticos**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.